

Identidade, aprendizagem e protagonismo social: sentido do trabalho para sujeitos recicladores¹

Identity, learning and social protagonism:
The meaning of work for recycling workers/subjects

Maria de Lourdes Borges²
maria.borges@unilasalle.edu.br

Robinson Henrique Scholz²
robinsonscholz@hotmail.com

Graciema de Fátima da Rosa²
graciemarosa@terra.com.br

Resumo. O objetivo do artigo é analisar como trabalhadores de cooperativas de reciclagem produzem o sentido do seu trabalho. O campo de estudo são seis cooperativas atuantes na reciclagem de resíduos pós-consumo, localizadas nas periferias dos municípios de Canoas e de Esteio (RS, Brasil). A escolha destes empreendimentos se deu por meio da atuação de assessoria prestada pela Incubadora de Empreendimentos Solidários, vinculada ao Centro Universitário La Salle (Unilasalle). Foram realizadas 18 entrevistas semiestruturadas com catadores participantes dos empreendimentos incubados e diários de campo registrados pelos pesquisadores. As entrevistas foram transcritas, sistematizadas e analisadas pela Análise de Conteúdo. Os resultados indicaram que: (i) houve ressignificação da identidade a partir do trabalho coletivo com resíduos pós-consumo, por meio das interações, reflexões e autovalorização do trabalho e do meio ambiente; (ii) houve aprendizado em termos de mudança de comportamento nos níveis individual, interacional e organizacional e (iii) houve reconhecimento do trabalho realizado como uma ação de protagonismo social, em que os

Abstract. The aim of this paper is to analyze how workers of recycling cooperatives produce the meaning of their work. Six cooperatives make up the study field. They are active in the recycling of post-consumer waste and are located on the outskirts of Canoas and Esteio (Rio Grande do Sul State, Brazil) cities. The choice of these cooperatives was due to advisorship services provided to them by Incubadora de Empreendimentos Solidários do Tecnosocial – Unilasalle, which is linked to the Centro Universitário La Salle (Unilasalle). Eighteen semi-structured interviews with workers who take part in the incubated enterprises were conducted and the researchers also wrote a field diary. The interviews were transcribed, systematized and analyzed through Content Analysis. The results showed: (i) a redefinition of the workers' identity on the basis of the collective work with post-consumer waste, through the interactions, discussions and valuing of work and the environment; (ii) learning in terms of behavior change at the individual, interactional and organizational levels and (iii) a recognition of the work performed as an action of social protagonism, in

¹ Artigo originalmente apresentado no VIII Congresso Rulescoop 2013.

² Centro Universitário La Salle. Av. Victor Barreto, 2288, 92010-000, Canoas, RS, Brasil.

sujeitos se sentem contribuindo como cuidadores do planeta.

Palavras-chave: identidade, aprendizagem, protagonismo social, cooperativas de reciclagem.

which subjects feel that they are contributing to the care of the planet.

Keywords: identity, learning, social protagonism, recycling cooperatives.

Introdução

Um trabalho tem sentido para o sujeito quando, por meio dele, há a possibilidade de criação desafiadora e de reconhecimento enquanto um ser social (Tolfo e Piccinini, 2007). Quando se estuda o sentido do trabalho, há uma propensão a imaginar como ele se constitui para trabalhadores que atuam em empresas e organizações tradicionais, em seus vários aspectos. Mas como pensar o sentido do trabalho para trabalhadoras e trabalhadores que realizam reciclagem de resíduos sólidos? Os ambientes de trabalho de cooperativas de reciclagem distinguem-se dos ambientes formais e tradicionais geralmente encontrados; muitas vezes estão localizados nos bolsões de miséria nas periferias dos grandes centros urbanos, sendo locais de passagem momentânea para muitos trabalhadores pobres encontrarem uma possibilidade de enfrentamento da desigualdade econômica que vivenciam. São ambientes em que as pessoas lidam diariamente com resíduos resultantes da atual sociedade de consumo, sendo que a maioria de seus trabalhadores se encontra à margem do mercado de trabalho (Singer, 2000), ou seja, segundo Fraga (2007), essa é uma atividade desprestigiada e mal classificada.

Diante de um ambiente de trabalho repleto de complexidade, tal como o das cooperativas de reciclagem, questiona-se sobre o sentido do trabalho nesse contexto. Por isso, o presente artigo objetiva analisar como trabalhadores de cooperativas de reciclagem produzem os sentidos do seu trabalho. O campo de estudo são seis cooperativas de recicladores incubadas, vinculadas à Incubadora de Empreendimentos Solidários do Tecnosocial – Unilasalle, no Centro Universitário La Salle, em Canoas (RS, Brasil). Os empreendimentos incubados são atuantes na área da reciclagem de resíduos pós-consumo, estando localizados nas periferias dos municípios de Canoas e de Esteio.

Para responder à questão de pesquisa, inicialmente o referencial teórico é embasado em autores que tratam do sentido do trabalho, como Morin (2001), Kuchinke *et al.*

(2010), Dejours *et al.* (1993) e Tolfo e Piccinini (2007). O conceito de identidade é embasado em Dejours (1995), Jacques (1996), Hay (2013), Sahlins (2004), Velho (1994) e Maheirie (2002). E Polanyi (2012), Gaiger (2011), Henriques (2000), Mauss (2011), Asseburg e Gaiger (2007), Antunes e Pochmann (2007) e Lima e Dagnino (2013) são referenciados para melhor compreender as práticas das cooperativas de reciclagem na economia solidária no contexto de superação das desigualdades. Em seguida, apresentam-se a metodologia, a análise dos dados e as considerações finais.

Sentido do trabalho

A busca pelo entendimento do sentido do trabalho pode ser iniciada a partir da colocação de Codo (1997), para o qual, no trabalho, o ser humano e a natureza entram em uma relação de dupla transformação, que termina por gerar significado. Assim, ao trabalhar, o ser humano consegue dar significado à natureza. Porém, quando, ao trabalhar, ele não consegue produzir esse significado, daí decorre o sofrimento psíquico do trabalhador.

Para Morin (2001), há algumas características para um trabalho que tem sentido para o sujeito: é realizado de forma eficiente e leva a um resultado, é intrinsecamente satisfatório, é moralmente aceitável, é fonte de experiências de relações humanas satisfatórias, garante a segurança e a autonomia e tem uma carga de trabalho adequada. Ainda para a autora Morin (2001), um dos principais aspectos que faz com que um trabalho tenha sentido é quando o trabalhador tem clareza sobre os seus objetivos. É preciso ainda que esses objetivos tenham valor para quem os realiza. E mais, é necessário que o trabalho esteja conectado com as competências do trabalhador, estimule a satisfação das necessidades de crescimento pessoal e de senso de responsabilidade. Enfim, ser um trabalho que tenha desafios, certa autonomia e constante *feedback*.

A presença dos aspectos físicos e psicológicos é importante para Kuchinke *et al.* (2010) na compreensão do sentido do trabalho. Para

os autores, o sentido do trabalho é dependente do grau em que diferentes aspectos são vistos como importantes pelos trabalhadores, tais como elementos de avaliação individual das condições físicas de trabalho; oportunidades para aprender e interesse; bem como dimensões psicológicas, como, por exemplo, o relacionamento com pares, a autonomia e o uso das habilidades e *expertises* na sua execução (Kuchinke *et al.*, 2010). Diante dessa descrição, pode-se ter a impressão de que trabalhos com tantas características desejáveis podem ocorrer em escritórios luxuosos, com algum *glamour* e sofisticação. E quanto ao sentido do trabalho entre atividades mais operacionais e em ambientes mais simples?

Prates e Gonzalez (2013, p. 1), em pesquisa sobre o sentido do trabalho para operários, concluíram que “um trabalho que tem sentido permite o uso das capacidades individuais, recompensa adequadamente o trabalhador, oportuniza o uso de criatividade e o aprendizado”. Portanto, observa-se que, mesmo em contextos de trabalho distintos, verificam-se características similares quando entra em pauta o que constitui o sentido do trabalho.

Porém, sobre a centralidade do papel do trabalho na vida de pessoas de diferentes idades e classes sociais, Mota e Tonelli (2013) concluíram que, na presente sociedade, o sentido do trabalho é perseguido pelas pessoas especialmente no que se refere à importância da remuneração que o trabalho proporciona. Especialmente quando se analisa o entendimento de jovens de diferentes estratos sociais, o trabalho é visto como “um meio para ter dinheiro e adquirir coisas”, sendo ele um “protagonista na conquista da felicidade” (Mota e Tonelli, 2013, p. 13). Dessa maneira, o trabalho deixa de ter um papel centralizador na vida dos seres humanos, passando para um papel secundário e utilitarista, pelo menos para os jovens estudados no artigo de Mota e Tonelli (2013).

A importância do trabalho vai além dos aspectos financeiros envolvidos, pois é “também uma forma de inserção social onde os aspectos psíquicos e físicos estão fortemente implicados” (Dejours *et al.*, 1993, p. 98). Segundo a psicodinâmica do trabalho, o trabalhador pode, dependendo da situação, desenvolver doenças em função do trabalho, assim como este tem a possibilidade de ser um fator de equilíbrio e desenvolvimento quando permite a cada indivíduo que as necessidades físicas sejam aliadas ao desejo de execução da tarefa.

Na realidade, as definições do sentido do trabalho precisam levar em conta em qual tempo e espaço específico são constituídas. Para Tolfo e Piccinini (2007), é necessário um olhar sociológico sobre o entendimento do sentido do trabalho. Nesse contexto, há a necessidade de *continuum* de sentido entre trabalho e vida pessoal e social. Conforme colocado pelas autoras, uma vida plena e dotada de sentido começa pela possibilidade de produzir significado a partir do trabalho e da sua conexão com o sentimento de liberdade. Assim, também, o trabalho tem um papel central na vida do ser humano, pois é a partir dele que são reforçados os relacionamentos com os outros, enfim com a sociedade (Morin, 2001).

Tolfo e Piccinini (2007) discutem ainda a diferença entre sentido e significado do trabalho. Analisam a literatura e concluem que muitas vezes os termos são utilizados como sinônimos, porém identificaram algumas distinções: o termo significado refere-se mais ao entendimento social do significado de trabalho, enquanto sentido tem mais a ver com uma dimensão mais pessoal. As autoras enfatizam os aspectos multidimensionais dos conceitos, apontam que na essência o sentido do trabalho é uma capacidade em que os seres humanos produzem quando conseguem “criar e reconhecer-se enquanto indivíduos e seres sociais” (Tolfo e Piccinini, 2007, p. 45). Porém o oposto também é verdadeiro: o ser humano torna-se alienado quando o sentido do seu trabalho se perde, tornando-se um produtor e consumidor e não encontrando sua identidade nas atividades que executa.

Diante do exposto, alguns elementos importantes de análise sobressaem-se tal como especificados no Quadro 1.

A seguir, são tratados os conceitos e elementos teóricos sobre a identidade do trabalhador a fim de melhorar a compreensão dos temas aqui propostos.

Identidade do trabalhador

Para a compreensão do conceito de identidade, segundo Maheirie (2002), é preciso que ele seja visto como uma constituição (aberta e inacabada) do sujeito, ou seja, a identidade como sendo construída, destruída e reconstruída constantemente por meio da consciência. Nesse enfoque, para Maheirie (2002), a noção de identidade carrega algo de polêmico, pois envolve uma noção dialética como uma construção inacabada, aberta e mutável, estando

Quadro 1. Elementos de análise sobre o tema Sentido do Trabalho.

Chart 1. Analytical background to the issue Meaning of Work.

Descrição dos elementos de análise	Autor(es)
Olhar sociológico sobre o sentido do trabalho, abrangendo os níveis individuais e sociais.	Tolfo e Piccinini (2007)
Relações humanas satisfatórias no trabalho como meio para produção do sentido do trabalho.	Morin (2001), Kuchinke <i>et al.</i> (2010), Prates e Gonzalez (2013)
Possibilidade do uso das habilidades no trabalho e de aprendizado favorece a produção de sentido no trabalho.	Kuchinke <i>et al.</i> (2010), Morin (2001)
Sofrimento psíquico do trabalhador quando não há produção de sentido no trabalho.	Dejours <i>et al.</i> (1993), Codo (1997)

assim em constante movimento. Sob esse ponto de vista, “o sujeito se faz produto e produtor do contexto em que vive” (Maheirie, 2002, p. 43). Ao se fazer produto e produtor do seu contexto, o sujeito acaba (re)construindo a sua cultura no processo de interação social. A percepção do eu em um contexto pode ser demonstrada por George Herbert Mead, quando ele teoriza que o “eu se torna conhecido como objeto ao assumir a atitude de outro em relação aos atos ou gestos do sujeito – uma identificação com o outro que é a única a permitir a reflexão sobre o eu, e para a qual a linguagem é indispensável” (*in* Sahlins, 2004, p. 308).

A relação entre o indivíduo e o contexto, ou entre o eu e o outro, também é verificada no entendimento de Dejours (1995). Para o autor, a construção da identidade do trabalhador pressupõe um equilíbrio na relação entre pertença e originalidade, o que significa que as expectativas do ego em relação à realização do eu tornam-se possíveis em um contexto intersubjetivo de confiança relacionado com o fazer (a atividade em si) e não se encontra distorcido por argumentos heterônomos decorrentes de poder ou dominação. Em outras palavras, para que a construção da identidade seja pautada em equilíbrio e saúde psicossocial, há a necessidade de um contexto de confiança que permita verdadeiramente o sentimento de pertença (ao outro) e de originalidade (a si mesmo). Nesse sentido, a identidade do trabalhador está pautada pelo outro, pela intersubjetividade, uma vez que “trabalhar não é somente executar os atos técnicos, é também fazer funcionar o tecido social e as dinâmicas intersubjetivas indispensáveis à psicodinâmica do reconhecimento” (Dejours, 1995, p. 58).

Segundo Jacques (1996, p. 21), o termo identidade contém uma contradição inerente uma vez que a palavra *idem* (que está em sua origem e significa “o mesmo” em latim) contém em si uma noção de estabilidade contraposta à “processualidade e ao caráter de construção permanente que lhe são próprios”. Goffman (1985) e Habermas (1990) ajudaram a imprimir o caráter processual e interacional ao conceito da identidade, mediado pela socialização na relação entre igualdade e diferença em relação aos outros. Dentro disso, o papel social de trabalhador se destaca diante da importância e exaltação conferidas ao trabalho na sociedade ocidental. Papel social que agrupa outras características próprias do exercício laboral, como atividade, força, bravura e honestidade, que terminam por se tornar atributos definitórios do eu, no sentido de “eu sou trabalhador”. Dessa maneira, a constituição do sujeito enquanto identidade psicológica não pode ser entendida como desvinculada da expressividade do trabalho na sua vida.

Assim, o mundo do trabalho se impõe como um *locus* por excelência para a mediação do outro e de sínteses próprias de individualidade/originalidade. Esse *locus* começa a impor-se muito cedo à identidade do trabalhador desde a identificação com modelos adultos até que o mundo do trabalho torna-se o predicativo definitório do eu (engraxe sapatos, sou engraxate; reciclo resíduos, sou recicladora, etc.). Pertencer ao mundo do trabalho ou “ter um trabalho” confere valor social e moral ao trabalhador, uma vez que ele passa a ser visto como “normal”, suas especificidades impactando no “modo de ser” que qualifica os pares como iguais (influenciando em comportamentos, modos de vestir, de falar, lugares frequentados), podendo ser caracterizado

como identidade social. Segundo Velho (1994, p. 39), “o modo de falar, o sotaque, as gírias e vocábulos regionais eram uma das marcas de diferenciação” em que o jogo de identidades se dramatiza em diferentes situações sociais”. Desta forma, no campo aqui estudado, identidade e cultura são aspectos relevantes e pertinentes de análise, uma vez que o espaço de trabalho coletivo é construído por meio das interfaces de identidades e de culturas que se cristalizam na composição das cooperativas de recicladores. Assim, pode-se entender esta interpretação à luz de que a construção de uma cultura está diretamente ligada a “qualquer intenção considerada que pode corresponder a um conjunto indefinido de práticas culturais e vice-versa, uma vez que a intenção se liga à convenção por um esquema de significação relativo e contextual” (Sahlins, 2004, p. 305).

Nesse sentido, assim como algumas atividades podem ser vistas como portadoras de prestígio social, outras carregam um desprestígio social, com características de desqualificação do eu. Fraga (2007, p. 2) entende que o catador encontra-se em uma “fronteira mal definida socialmente entre o ‘ser marginal’ e o ‘ser trabalhador’”, repleto de atributos ambíguos e contraditórios, uma vez que sua função na sociedade é desprestigiada, mal qualificada e mal classificada. A contradição também se verifica, ainda para Fraga (2007), no próprio material com que os catadores e recicladores trabalham, que, em última instância, é o lixo. Para grande parte da sociedade, o lixo representa “aquilo que se joga fora, a sujeira e o descartável”, mas para os catadores ele representa emprego e um meio de vida. Nos achados do mesmo autor, a vergonha é o produto final pelo desempenho do trabalho em tocar algo sujo e descartado, como o lixo, constituindo-se em um “peso que os catadores trazem nos ombros”. Apesar dessa conclusão, Fraga (2007) entende que é por meio deste trabalho que os catadores recuperam sua identidade de trabalhadores.

Assim, a identidade do indivíduo sofre alguma modificação dependendo do papel que o trabalhador exerce em seu contexto profissional. Hay (2013) defende que em tais momentos é explicitada a identidade social do trabalhador. O autor cita Watson (2008), para o qual formas de discursos são personificadas em identidades sociais que representam noções culturais, discursivas ou institucionais de quem o indivíduo pode ser. Por exemplo, no modelo de identidade gerencial de Watson (2008), gestores tendem a assumir uma iden-

tidade social de atores racionais que estão no controle dos eventos organizacionais, e colocam-se em uma posição de “saber tudo” orientado para metas e objetivos organizacionais (Hay, 2013). Nesse sentido, Hay (2013) chama a atenção para a centralidade das emoções nos processos de identidade no trabalho. Hay (2013) evidencia que quando gestores buscam conciliar a identidade social com o que ele denomina de “autoidentidade funcional”, é criada uma espécie de luta interna em que o indivíduo procura atender às expectativas de como deve ser um gerente, terminando por criar uma dissonância que gera ansiedade, culpa, frustração e preocupação. Assim, fica claro que “o trabalho de identidade é um trabalho de filtragem onde nossas emoções não podem ser separadas do que somos ou do que nos tornamos” (Hay, 2013, p. 12), ou seja, as emoções são fundamentais no processo de “fazer a nós mesmos (*making ourselves*)”. O “trabalho de identidade” dos gestores, por assim dizer, torna-se ainda mais difícil pelo impedimento do afloramento das emoções diante dos discursos organizacionais dominantes, gerando uma negação das emoções desconfortáveis do trabalho e criando uma “espiral do silêncio”, como colocado por Bowen e Blackmon (2003).

Assim, quando trabalhadores convivem em uma espiral do silêncio, ou sentindo o trabalho como um peso sobre os ombros, ele pode tornar-se fonte de doenças físicas ou psíquicas, mas quando eles convivem em um ambiente que permite a autoexpressão, em que eles podem assumir sua verdadeira identidade, pode tornar-se um fator de equilíbrio e desenvolvimento (Dejours *et al.*, 1993). De acordo com o que foi apresentado, a seguir expõem-se os elementos de análise resumidos no Quadro 2.

Por meio do recorte teórico elaborado nesta seção, pode-se refletir sobre a atuação das cooperativas e as possibilidades de elas contribuírem na superação das desigualdades.

As cooperativas como meio de superação da desigualdade econômica

Frente ao discurso dos mecanismos de apropriação do capital social e econômico, os indivíduos podem estar em crise. Estas crises podem ser de ordem social, cultural, política, econômica, identitária, etc. Crises que provocam um desabrochar de sentimentos e ações na busca de enfrentamentos individuais, ou com a sociedade. Estes indivíduos em crise aqui são

Quadro 2. Elementos de análise sobre o tema Identidade do Trabalhador.

Chart 2. Analytical background to the issue Worker Identity.

Descrição dos elementos de análise	Autor(es)
Identidade vinculada ao papel social desempenhado.	Jacques (1996)
Identidade no trabalho como atributo definitivo do “eu” e da sua constituição.	Jacques (1996)
Constituição da identidade a partir da identificação com o mundo adulto e fatores de gênero como qualificação ou desqualificação.	Jacques (1996)
Papel central das emoções nos processos de identidade no trabalho e de autoidentidade funcional.	Hay (2013)
Interação social como contexto que propicia ou não a explicitação das emoções dependendo da aceitação do eu pelo outro no ambiente de trabalho.	Hay (2013)
Identificação com o outro permite a reflexão sobre o eu por meio da linguagem.	Sahlins (2004)
Identidade como resultado de uma construção do sujeito como produto e como produtor do contexto.	Maheirie (2002)

entendidos como os pobres que vivem nos bolsões de miséria nos grandes centros brasileiros. São brasileiros e brasileiras que, por condições precárias de trabalho, acabam marginalizados em contextos periféricos rudimentares – as chamadas favelas – e desprovidos de trabalho formal. Trabalho, condição de venda da força de trabalho preconizada pelo liberalismo (Polanyi, 2012) e fonte de renda de milhares de cidadãos, torna-se objeto de disputa nas camadas mais empobrecidas, uma vez que o mercado seleciona os mais qualificados e aptos para desenvolver as atividades contratadas. Assim, aqueles que o mercado rejeitou buscam alternativas de sobrevivência e geração de renda em espaços informais de trabalho, bem como no trabalho associado, a exemplo da economia solidária e as cooperativas populares.

Muito se discute sobre o tema das desigualdades no campo das ciências sociais, com acepções que conduzem ao debate sistemático e qualificado para ilustrar a realidade social. Não obstante, há o discurso do senso comum, em que por vezes a tônica é a crítica negativa sobre as formas e métodos adotados pelas políticas sociais no Brasil. Neste campo contraditório e emblemático é que se estabelece esta seção, na busca de conceitos centrais que possam elucidar o entendimento sobre as desigualdades econômicas e as cooperativas populares como possibilidades de superação.

Parte-se do pressuposto de que o crescimento econômico não deve ser perseguido como um fim em si mesmo. Requer uma combinação de correlação de interações entre mercado, Estado e sociedade civil. Contribuindo, Henriques (2000, p. 3), à luz das teorizações de Amartya Sen, afirma que “o desenvolvimento deve referir-se à melhoria da qualidade de vida que levamos e às liberdades que desfrutamos”. Como condição emblemática de transfiguração econômica erradicada nas trocas simbólicas das sociedades arcaicas (Mauss, 2011), passando pelo capitalismo, o qual teve diversas fases históricas de desenvolvimento (Polanyi, 2012), até a fase atual do neoliberalismo, pode-se dizer que houve desigualdades econômicas em todas as fases históricas. Mesmo na discussão do paradigma da dádiva, onde Mauss (2011) desenvolve um longo estudo sobre a lógica do dar-receber-retribuir presentes, ornamentos e pessoas nas sociedades arcaicas investigadas, havia traços de desigualdades econômicas de uma tribo em relação à outra. Passando para a fase do capitalismo, a partir dos estudos de Karl Marx, compreende-se a transitoriedade da desigualdade no contexto da geração de riquezas, sendo estas que sugerem as diferenças de capital entre uma sociedade e outra, entre um indivíduo e outro.

Desta forma, Asseburg e Gaiger (2007) destacam que as desigualdades no Brasil são fruto

de um processo histórico que remonta à formação da sociedade escravocrata, que constituiu uma cultura de mando e subserviência, reaparecendo com o coronelismo e, em nossos dias, subtraindo os direitos básicos da cidadania. Como consequência política de tal cultura, os autores destacam o trato privado da coisa pública, que se opôs ao reconhecimento e legitimação das singularidades e diferenças. Outrossim, os mecanismos de apropriação do capital por meio da exploração da força de trabalho dos mais pobres conduzem à lógica da acumulação de bens dos mais ricos, o que é prática naturalizada nos anseios mais nefastos do capitalismo. Esta exploração, segundo Therborn (2010, p. 147), onde “as riquezas dos mais ricos derivam do trabalho árduo e da subjugação dos pobres e desfavorecidos”, reflete uma das formas de compreensão das desigualdades econômicas.

Ademais, as medidas de ativação econômica das camadas empobrecidas são dispositivos de melhoria do poder aquisitivo destes setores sociais, e também provocam efeitos favoráveis sobre o desenvolvimento (Gaiger, 2011). O empoderamento econômico da população pobre pode, inclusive, alavancar ações identitárias no seu território, como, por exemplo, o desenvolvimento de redes locais de comércio de produtos ou serviços característicos deste território. Essas são características que podem estar adormecidas e que, por intermédio do aumento do poder aquisitivo e da movimentação de recursos na economia, alavancam a perspectiva de inovação e empreendedorismo social. Corroborando esta análise, Antunes e Pochmann (2007, p. 201) sinalizam que as ações de empreendedorismo e de cooperativismo emergem da precarização do trabalho existente, sendo estas algumas das iniciativas estratégicas de sustentação destes sujeitos excluídos do trabalho formal.

Qual é a possibilidade concreta? Há iniciativas populares que reagem à exclusão social e proliferam em todo o Brasil e políticas sociais que projetam a redistribuição aos pobres. Há experiências de geração de trabalho e renda, como o caso da economia solidária, que emergem em diversos contextos sociais urbanos e rurais, muitas vezes por meio de lógicas próprias de sustentação. Somando-se a essas práticas, há políticas de incentivo para o desenvolvimento de iniciativas coletivas de trabalho, contudo, ainda superficiais, tendo como recorte histórico o final do século XX.

Nesta simbiose socioeconômica, há do outro lado do abismo a relação com o mercado

neoliberal, que estimula o consumo e a geração de riquezas por parte dos mais ricos. No contexto brasileiro, percebem-se reações antagônicas que denotam um distanciamento social, mesmo com as políticas sociais de redistribuição. E, o que é mais agravante, “nota-se o aparecimento de uma nova forma de reprodução da pobreza, cada vez mais concentrada no segmento da população que se encontra ativa no interior do mercado de trabalho (desempregados e ocupação precária)” (Antunes e Pochmann, 2007, p. 206). Contingentes de trabalhadores à mercê da sorte procuram ofertas de vagas de trabalho, muitas vezes temporárias e precarizadas, para poderem se estabelecer como sujeitos sociais (Lopes, 2008). São grandes massas de trabalhadores em condição de vulnerabilidade que sedimentam a zona de tensão desestruturada entre o desemprego e a considerável integração no mercado de trabalho. Uma possível alternativa de geração de renda e integração econômica – aqui não caracterizando lógicas puras de inclusão social por meio de um contrato formal de trabalho, mas sim no sentido de ativar economicamente os trabalhadores vulnerabilizados – seria por meio da economia solidária. As práticas associativas de geração de trabalho e renda, aliadas a processos de autogestão nos empreendimentos compostos pela associação de pessoas, podem (re)afirmar o espaço social, alicerçando dinâmicas de subsistência para além das fronteiras econômicas, haja vista que suas contribuições atingem as esferas sociais, políticas e ambientais. Outrossim, podem quebrar elos complexos de reprodução das desigualdades.

A discussão sobre a economia solidária merece devida atenção, pois “os membros de tais iniciativas estabelecem entre si vínculos de reciprocidade como um dos fundamentos de suas relações de cooperação [...] cumprindo funções subsidiárias em domínios como saúde, educação e preservação ambiental” (Gaiger, 2011, p. 80). Nesse sentido, os trabalhadores que se valem da economia solidária atuam também em cenários que são sociais, tais como: (a) a relação comunitária na busca de melhoria das condições de moradia e convívio social; (b) ampliação da discussão junto ao Estado para o desenvolvimento de políticas públicas que beneficiem toda a comunidade ou território local; e (c) potencialização de correlações significativas para a sustentabilidade ambiental, por meio de ações que projetem o uso de produtos sustentáveis e/ou que não venham agredir o meio ambiente. Contribuindo,

Asseburg e Gaiger (2007, p. 528) afirmam que o valor “dos experimentos de economia solidária reside na mudança e no bem que acarretam para os seus próprios protagonistas, ao escaparem da lógica dominante de classificação social”. Ou seja, a ressignificação da vida, do trabalho, dos laços sociais, dos vínculos comunitários, da identidade cultural, e principalmente, da condição humana.

Contudo, vale salientar o que Lima e Dagnino (2013, p. 9) entendem sobre a economia solidária: “[...] é evidente que os ideais da economia solidária foram, e continuam sendo, difíceis de colocar em prática e ser sustentados dentro do capitalismo. Muitos empreendimentos solidários acabam por se adaptar ao capitalismo e, por isso, deixam de ser solidários”. Frente a isso é que se questionam os processos contraditórios da utopia abstrata, um ideário de cooperação defendido por Morus (2001) e a utopia concreta de Bloch (2006), no sentido de se analisar o sentido do trabalho (res)significado pelos trabalhadores das cooperativas de reciclagem aqui investigadas.

Na próxima seção, apresentam-se o método adotado para este estudo, as ferramentas de coleta de dados, a técnica de análise utilizada, bem como a contextualização do campo empírico investigado.

Método

Para a realização desta pesquisa qualitativa utilizam-se, como delineamento, os estudos de casos múltiplos, pois, como afirma Yin (2005, p. 21), esta investigação “surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos”. Assim, adotou-se este método para investigar seis cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos pós-consumo, assessoradas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários do Centro Universitário La Salle (Unilasalle). A Incubadora é um projeto fomentado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) por meio de um convênio firmado entre o Ministério de Ciência e Tecnologia, o Ministério do Trabalho e Emprego e a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). Desde 2008, o projeto vem desenvolvendo suas ações de assessoria e fomento a empreendimentos econômicos solidários localizados nas periferias dos municípios gaúchos de Canoas, Esteio e Nova Santa Rita, intensificando o processo de incubação de associações e cooperativas de trabalho atuantes na área da reciclagem de resíduos pós-consumo.

Para a elaboração deste estudo, optou-se por delimitar empiricamente a coleta de dados nestes empreendimentos, podendo dessa forma aprofundar o objeto do presente estudo no campo das cooperativas de reciclagem assessoradas pela Incubadora. Foram realizadas 18 entrevistas semiestruturadas com catadores participantes das cooperativas, bem como 10 diários de campo registrados pelos pesquisadores. As entrevistas foram transcritas, sistematizadas e analisadas pela Análise de Conteúdo. Tal técnica de análise leva em consideração os “tipos”, “qualidades” e “distinções” no texto, condensadas em categorias de análise que foram abstraídas por meio da realização de uma leitura flutuante das entrevistas transcritas. Foi realizada uma codificação através de procedimentos sistemáticos, metodicamente explícitos e replicáveis que cria uma nova informação e novas conclusões desse texto (Roesch, 2005). Para fins de preservação da identidade dos entrevistados, cada entrevista é identificada na análise apenas por uma numeração sequencial independente do local em que o catador é cooperado.

Destaca-se que a presente pesquisa orientou-se por boas práticas éticas de pesquisa voltadas para as ciências sociais e ciências sociais aplicadas, não sendo submetida a nenhum Comitê de Ética. Salienta-se que Guerriero e Minayo (2013) problematizam que está ocorrendo no Brasil uma padronização indevida dos procedimentos éticos voltados para a pesquisa biomédica que não dialoga com procedimentos das ciências sociais e humanas e, por conseguinte, das ciências sociais aplicadas, as quais requerem, segundo as autoras, uma resolução específica.

O estudo de caso múltiplo foi realizado nas seguintes cooperativas especificadas no Quadro 3.

É preciso ressaltar que as cooperativas de reciclagem, contexto da aplicação deste estudo, são assessoradas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários, que objetiva contribuir para o fortalecimento de empreendimentos de economia solidária de Canoas e região na perspectiva de construir tecnologias sociais apropriadas para fortalecer a capacidade empreendedora e a dinâmica solidária desses empreendimentos, potencializando sua atuação sustentável e autogestionária nos territórios onde atuam.

Análise e discussão dos dados

A presente seção está organizada em quatro categorias de análise. Cada categoria foi

Quadro 3. Contextualização das Cooperativas Estudadas.

Chart 3. Contextualization of the Cooperatives Studied.

Cooperativa	Ano de fundação	Bairro/Município	Cooperados	Convênio com a Prefeitura Municipal	Renda média mensal (2013)
Cootre	2003	Votorantin/ Esteio	21	Sim, com repasse financeiro.	R\$ 1.020,00
Coopcamate	1986	Mathias Velho/Canoas	21	Sim, com repasse financeiro para a prestação de serviço.	R\$ 970,00
Cooarlas	2000	Guajuviras/ Canoas	32	Sim, com repasse financeiro para a prestação de serviço.	R\$ 715,00
Renascer	1983	Estância Velha/Canoas	34	Sim, com repasse financeiro para a prestação de serviço	R\$ 890,00
Coopersol	2009	João de Barro/Canoas	6	Não*	R\$ 617,00
Coopermag	2002	Mato Grande/ Canoas	23	Sim, com repasse financeiro para a prestação de serviço	R\$ 950,00

Nota: (*) A Coopersol é uma cooperativa de resíduos sólidos que opera suas atividades por meio do recebimento de resíduos provenientes da construção civil, não trabalhando com coleta domiciliar. Nesse sentido, esta cooperativa, por operar numa lógica distinta, não recebe repasse da prefeitura e não está incluída no programa da Coleta Seletiva Compartilhada do município de Canoas.

abstráida a partir do *corpus* de dados coletados e sistematizados que se mostraram coerentes com o referencial teórico. Primeiramente analisam-se evidências de resignificação da identidade de sujeitos catadores embasada na dimensão ambiental. Em seguida é apresentada a análise sobre o tema da autoexpressão da identidade social e funcional no ambiente de cooperativas e sua relação com o sentido do trabalho. A terceira categoria de análise trata de alguns níveis de aprendizagens ocorridas no ambiente das cooperativas de reciclagem estudadas relacionados ao sentido do trabalho. Finalmente analisam-se evidências de protagonismo social na economia solidária.

Identidade: resignificação embasada na dimensão ambiental

Observaram-se evidências nos dados de que o sentido do trabalho transcende, para muitos trabalhadores, os aspectos individuais,

a ponto de entenderem os resultados do seu trabalho em benefício do prolongamento da vida no planeta, tal como apresentado no trecho de entrevista: “[...] tem uma contribuição e um fundamento, né, é prolongar mais os nossos dias aqui na face da terra, se a gente não cooperar, mais ligeiro a gente vai ficar extinguido e o mundo também” (Entrevistado 10).

O sentido do trabalho que aparece na fala do Entrevistado 10, que atua como reciclador, pode estar apontando para uma nova dimensão que pouco aparece nos trabalhos acadêmicos. Quando se discute o sentido do trabalho, a literatura aponta entendimentos em termos individuais e sociais (Tolfo e Piccinini, 2007). Porém, o que se observa nas evidências encontradas nas cooperativas pesquisadas pode ser entendido como indo além de tais questões, pois também envolve uma preocupação com a dimensão ambiental e de preservação da vida no planeta: a relação cultural do cuidado com o meio ambiente. Observa-se que há, nas cooperativas estudadas, a produção do sentido

do trabalho como resultado do entendimento de que o trabalho desses cooperados tem valor não somente para a sua família, mas para toda a humanidade e seres vivos, construindo uma relação identitária que se manifesta nas interações dos sujeitos e se expressa por meios de signos e símbolos culturais (Sahlins, 2004) nos territórios onde atuam.

Outra evidência dessa nova dimensão pode ser vista na fala da Entrevistada 8.

Ah, aprendi muita coisa, a valorizar mais o trabalho, sabe que as coisas são difíceis, mas que é um trabalho como qualquer um outro, que pra muita gente tu, eles falam, ah, tu tá trabalhando num lixão, daí tu passa a ver diferente, tu passa a ver que é um trabalho que tu tá cuidando do meio ambiente, assim que tu tá progredindo. Hoje, hoje é pra nós, mas mais tarde é pros nossos filhos, pros nossos netos (Entrevistada 8).

Pode-se observar que a fala da Entrevistada 8 vai além de uma reprodução de um discurso presente nos meios de comunicação, tal como do ambientalismo, pois ela articula ideias a respeito da sua realidade, da representação social que seu trabalho possui, uma vez que ela percebe que “muita gente” a vê como “trabalhando num lixão”. Observa-se que a reflexão construída pela Entrevistada 8 refere-se inclusive à ressignificação de sua identidade a partir da vivência no e para o trabalho. Para Jacques (1996), a constituição da identidade passa a ser vinculada ao papel social desempenhado pelo ser humano, tal como identificado por Goffman (1985) e Habermas (1990). Esse papel social representa “as qualificações exigidas ao exercício laboral [...] constituindo-se em atributos definitórios do eu (atividade, força, bravura, honestidade, etc.) e inclusos na representação do ‘eu sou trabalhador’” (Jacques, 1996, p. 22).

Dessa maneira, para Jacques (1996, p. 23), a identidade de trabalhador, bem como outros atributos socialmente valorizados, passa a ser central para a identidade psicológica como “predicado universal e genérico definidor por excelência do humano”, evidenciando a expressividade do trabalho na categoria da constituição do eu e em seus predicativos definitórios (p. ex., sou empregada doméstica, sou catadora, sou psicóloga). Assim, a Entrevistada 8 relata que, depois de começar a trabalhar na cooperativa, aprendeu que seu trabalho não representava trabalhar em um “lixão”, mas que tinha um significado maior e com mais valor, uma vez que “é um trabalho que

tu tá cuidando do meio ambiente”. Em outras palavras, percebe-o como um trabalho que a faz progredir, crescer e deixar um legado aos filhos e netos. Portanto, pode-se compreender que houve ressignificação da própria identidade dessa trabalhadora, dado o estreito vínculo entre a identidade de trabalhador e a constituição do eu, conforme explicita Jacques (1996).

Identidade social e funcional: autoexpressão e sentido do trabalho

Outro aspecto pertinente de análise é a valoração do trabalho em uma cooperativa. Tal aspecto vai ao encontro do desenvolvimento dos trabalhadores e dos setores sociais, conforme os estudos de Gaiger (2011), no sentido de que a economia solidária pode ser um espaço de construção de uma cultura da cooperação e da solidariedade para o empoderamento econômico. Esses aspectos podem ser também verificados na fala da Entrevistada 13 da Cooper 4:

Eu não tenho nenhuma vergonha de falar onde eu trabalho. Eu tenho orgulho, sim, do trabalho que eu faço, de onde eu trabalho, das pessoas que eu trabalho, é daqui que eu tiro o meu sustento, é do dinheiro do lixo, do material que a gente recicla que eu pago as minhas contas; vai fazer dois anos isso, então eu aprendi muita coisa aqui dentro mesmo. É um trabalho que eu me sinto à vontade, eu brinco, eu posso cantar, se eu tô incomodada com alguma coisa, eu vô lá e falo, não tem aquela coisa de, se fosse outro serviço, eu também, do meu jeito, até falaria, mas aquela coisa, não falaria, de repente, tudo que eu tivesse sentindo ou não ia sentir aquela abertura de dar uma opinião (Entrevistada 13).

Nessa fala da Entrevistada 13 também aparece a preocupação com o julgamento dos outros sobre o seu local de trabalho. Mesmo assim, a Entrevistada externaliza gostar do ambiente de trabalho a ponto de se sentir à vontade para o que ela categoriza como “brincar”, “cantar” e “falar”, que são expressões da cultura (Sahlins, 2004) deste espaço de trabalho. Tal aspecto pode ser compreendido como estando relacionado ao sentido do trabalho para essa trabalhadora, pois percebe-se que, no seu atual ambiente de trabalho, ela se sente bem o suficiente para “ser ela mesma”, ou seja, para expressar-se livremente, além de fornecer o sustento da sua família, valores que parecem importantes para ela. Pode-se observar que a fala da Entrevistada 13 mostra a importância de um ambiente de trabalho que favoreça a

livre explicitação das suas emoções. Como colocado por Hay (2013), as emoções possuem um papel central nos processos de identidade no trabalho. Os achados de Hay (2013) mostram que gestores ingleses não possuem um ambiente em que podem externar livremente suas emoções. Ao contrário disso, observa-se que na cooperativa a Entrevistada se sente à vontade para fazê-lo, podendo-se compreender que a sua identidade social está coerente com sua autoidentidade funcional, promovendo uma maior saúde psíquica e bem-estar no trabalho. Esses aspectos demonstram certa contradição entre o sentido do trabalho e da identidade de um gestor em uma organização tradicional (inglesa, no caso do artigo de Hay [2013]) e de uma catadora de uma cooperativa de reciclagem do sul do Brasil. Questiona-se, diante disso: qual dos dois trabalhos é mais desejável? Tais aspectos podem estar demonstrando o quanto a lógica da economia solidária vai ao encontro da liberdade da essência do ser humano, que, em última análise, deseja nada mais do que poder ser ele mesmo, bem como volta-se ao enfrentamento da desigualdade econômica (Therborn, 2010) vivida pela Entrevistada. Contudo, ressalta-se que a contradição se faz presente, pois, por um lado, a liberdade de manifestar a sua identidade no espaço operativo, por vezes, não assegura o rompimento da condição de pobreza como sendo uma mudança na lógica dominante de classificação social (Asseburg e Gaiger, 2007). Há, sim, avanços concretos no processo de apropriação sociocultural, mas são sugeridos estudos futuros nos aspectos econômicos e financeiros.

Além disso, para Morin (2001), Kuchinke *et al.* (2010) e Prates e Gonzalez (2013), a satisfação no relacionamento com pares por meio de relações humanas satisfatórias é uma característica que favorece a produção de sentido do trabalho. Tais aspectos são identificados na fala da Entrevistada 13, analisada anteriormente, e podem ser vistos na fala da Entrevistada 12.

Uma coisa que me encantou. Eu acho que é a alegria do pessoal, mesmo. No momento lá, que a gente está comendo, tá fazendo a comida, a gente conta as histórias, começa a rir, algumas horas a gente se assusta, acho que é o momento de quando o grupo está junto, quando a gente conversa, se diverte. Que é isso que eu admiro aqui no pessoal, a gente tá cansado, do frio, do calor, falta de material, a gente tá sempre conversando. Que a união do grupo, que é legal (Entrevistada 12).

Pode-se observar o quanto a aceitação do eu pelo outro torna-se importante para a formação de um contexto que propicie a explicitação das emoções (Hay, 2013), contribuindo para a autorreconstrução do sujeito em interação social. A fala da Entrevistada 12 personifica o entendimento de Mead de que a identificação com o outro permite a reflexão sobre o eu por meio da linguagem (Sahlins, 2004), uma vez que, ao poder contar histórias, rir, conversar, divertir-se, há o fortalecimento da união do grupo que empodera os sujeitos para enfrentar as dificuldades próprias de um trabalho marginal, como o cansaço, frio, calor, falta de material, entre outros. A liberdade de autoexpressão termina por favorecer a criação de um sentido positivo do trabalho, mesmo em contextos organizacionais adversos.

Ao contrário do entendimento da trabalhadora acima, a Entrevistada 16, ao ser perguntada sobre “o que esse trabalho significa pra ti”, apesar de a princípio dizer que acha o trabalho na reciclagem bom e que tem familiaridade com ele, ao final da fala tem a percepção de que as pessoas a olham com “cara de nojo”, tal como se vê na fala dela:

Eu acho bom, né. Que a minha mãe trabalhou muitos anos nisso, minhas irmãs. Só que tem gente que não dá valor pra gente, viu... aquela vez a gente foi numa palestra lá no [Bairro] São Luis, tava o Lula, o Tarso. Tem gente que tem vergonha da gente, muitos lugar que tu vai, às vezes tu vai de uniforme, as pessoas ficam te olhando com cara de nojo (Entrevistada 16).

O sentido do trabalho não parece ser positivo para esta trabalhadora, pois a própria identidade dela sinaliza estar impregnada pela percepção de um olhar do outro como crítico e de não aceitação por conta do seu trabalho. Segundo Jacques (1996), a identidade do trabalhador se constitui precocemente por meio da identificação com o mundo adulto e com fatores de gênero, o que pode ser verificado na fala da Entrevistada 16, uma vez que ela trabalha com reciclagem, assim como sua mãe e irmãs. Apesar de relatar que participou de palestras com o ex-presidente da República e o governador do Estado, o que poderia ser visto como uma atividade de prestígio social, refere que as pessoas a olham com “cara de nojo”, especialmente por estar identificada como catadora por meio do uso do uniforme. Percebe-se que o uso do uniforme em espaços públicos representa para a Entrevistada um atributo que desqualifica sua identidade como

trabalhadora (Jacques, 1996), uma vez que seu modo de vestir (uniforme) aponta para o exercício de sua atividade de catadora que termina por interferir, no caso negativamente, no seu modo de ser, concordando tal entendimento com Jacques (1996). Esse aspecto está coerente com os achados de Fraga (2007), para o qual os catadores (e recicladores) sentem vergonha por trabalhar com algo sujo e descartável. Pode-se observar na fala da Entrevistada 16 que o “olhar de nojo” pode estar representando o que Fraga (2007) coloca como um peso sobre os ombros dos catadores.

Aprendizagem nos níveis individual, interacional e comportamental e o sentido do trabalho

As evidências indicam que a entrada para trabalhar nas cooperativas de reciclagem estudadas pode ser propulsora de mudanças pessoais positivas. Um dos aspectos que ajudam nas mudanças pessoais pode ser a oportunidade de interação e abertura para entender outras realidades e histórias de outras pessoas. Tais aspectos podem ser melhor compreendidos por meio da fala da Entrevistada 13, que envolve vários aspectos. No que se refere à conscientização da separação do “lixo” para a coleta seletiva, observa-se que a reflexão vai além do quanto ações simples interferem na vida de outras pessoas. Ampliando a análise, verifica-se a importância da apropriação da cultura da cooperação para o desenvolvimento da identidade do sujeito e da cooperativa, por meio das trocas simbólicas e da reciprocidade (Mauss, 2011), as quais podem permitir a construção dos sentidos do trabalho associado distintos do capitalismo neoliberal. Esta evidência pode ser observada no trecho de fala a seguir.

Antes de trabalhar aqui eu nem sabia o que era cooperativa, nunca me preocupei, nem parei para pensar pra onde que ia o lixo, só largava lá, nos dias certos, o lixo e nem me importava. Não tinha aquela preocupação, que onde eu moro, na área verde, não tem a coleta seletiva. Não tinha nem aquela preocupação de separar o material. Hoje o que eu posso separar eu separo, já coloco separado, porque tem bastante pessoas que catam, né, e era uma coisa que eu nunca tinha me preocupado, apesar de sempre ver as pessoas catando na rua. Antes de trabalhar na cooperativa e entender o trabalho, entender o que é o significado, eu nem me importava, apesar de ver eles catando na rua. Tenho mais aquele cuidado

quando tem uma coisa de vidro, né, tenho aquele cuidado. A gente já tinha, mas assim, trabalhando do outro lado, tenho mais cuidado ainda, né, enrolar o máximo assim que eu posso eu enrolo e eu digo de experiência de vida das pessoas que trabalham aqui, que aqui eu conheci as gu-rrias (Entrevistada 13).

Observa-se que a Entrevistada 13 consegue certa ressignificação de modos de viver e co-existir, uma vez que na cooperativa ela teve a oportunidade de aprender com as histórias de vida de outros trabalhadores e até mesmo se engajar na mudança da mentalidade corrente sobre a discriminação social para com as pessoas que trabalham com reciclagem de resíduos, elementos que aparecem em suas palavras:

*Eu era mais acostumada na minha casa, ali só, saía do serviço e voltava para casa, não tinha nem, assim, muito contato de tá conversando com as pessoas na rua, e aqui eu conheci, assim, histórias de pessoas que, tem pessoas aqui que trabalham há 30 anos, é mais tempo que a minha idade. **Trabalham com isso, e a gente vê que eles sentem prazer em trabalhar com isso.** E que o que eu tento mostrar para as pessoas é tirar esta coisa de marginalizar quem trabalha com lixo ou cata na rua (Entrevistada 13).*

Pode-se entender que a Entrevistada 13 demonstra, em suas palavras, que o trabalho na cooperativa de reciclagem tem a possibilidade de gerar significado positivo, pois, ao trabalhar com prazer nesse ambiente, encontra sua identidade no trabalho que executa, o que está de acordo com o que dizem Tolfo e Piccinini (2007). Pode-se compreender que esses achados vão de encontro aos achados de Fraga (2007), para o qual o trabalho do catador significa um “peso sobre os ombros”. Pode-se observar que há uma contradição entre trabalhar com lixo quando isso é visto como algo degradante e quando isso é associado a uma lógica social de trabalho como criativa e capaz de gerar prazer aos trabalhadores.

A partir do trabalho nas cooperativas de catadores, foram identificadas aprendizagens proporcionadas pelo estabelecimento de relações sociais próprias das cooperativas estudadas. Observaram-se diferentes percepções que podem ser compreendidas como aprendizagens nos níveis individual, interacional e comportamental, conforme falas explicitadas no Quadro 4.

Assim, podem-se observar, nas falas apresentadas no Quadro 4, vários níveis de aprendizado das entrevistadas a partir da sua expe-

Quadro 4. Excertos com exemplos de aprendizados nos níveis individual e interacional.
Chart 4. Excerpts with some examples in individual and interactional levels learning.

Nível de aprendizado	Excerto da entrevista	Entrevista
Interacional	O que eu mais aprendi, o que eu mais aprendo acho que <i>é respeitar o limite dos outros</i> , todo mundo tem o seu limite [...]. Respeitar qualquer um, acho que respeitar do mesmo jeito que tu quisesse ser respeitado.	Entrevista 11
Individual	Eu não sabia nada, não sabia fazer conta, eu não sabia nada, eu não sabia, assim, me... eu aprendi... é muito bom. Aprendi bastante, <i>que eu tenho capacidade</i> , eu aprendi também, até o ano passado fiz o vestibular, <i>voltei a estudar</i> .	Entrevista 15
Comportamental	Eu acho, aqui no caso, <i>eu aprendi a conviver mais com as pessoas</i> [...] eu aprendi ver os dois lados, né, a não tirar conclusão só de um lado, entendeu, nem sempre aquela pessoa que vai chegar perto de ti e contando ou chorando, ela está certa, entendeu, então. Sempre tem que estar ouvindo os dois lados.	Entrevista 11
Individual e comportamental	Eu era muito de resolver as coisas... tipo ignorante, né. Aí eu <i>aprendi a conviver com as gurias melhor. Até em casa mesmo</i> , a conviver melhor. Tem um problema, a gente senta e conversa. E antes não, já estourava e saía gritando e fazendo.	Entrevista 18

riência como trabalhadoras das cooperativas de reciclagem. Para que um trabalho tenha sentido, autores apontam como fundamental a possibilidade de aprendizado e a possibilidade do uso das habilidades e *expertise* individual na execução do trabalho, bem como o estímulo à satisfação das necessidades de crescimento pessoal (Kuchinke *et al.*, 2010; Morin, 2001). Nas falas também podem ser identificados elementos próprios da lógica da economia solidária e do cooperativismo como um *locus* de trabalho coletivo e uma inversão nas relações, sendo cada cooperado empregado e dono ao mesmo tempo (Singer, 2000). Outrossim, a solidariedade (Mauss, 2011; Asseburg e Gaiger, 2007) estabelecida nas interações entre os sujeitos é fundante para o convívio cooperativo neste modelo de trabalho.

Protagonismo social na economia solidária

Para que se possa começar a análise dos dados segundo o protagonismo social, faz-se necessário citar Borges *et al.* (2013) quando

evidenciam que em cooperativas de reciclagem há a possibilidade de uma prática de autogestão e de economia solidária por meio das interações que terminam por criar uma cultura da gestão de resíduos, com maior espaço de liberdade e ação (Henriques, 2000). Esse aspecto, que termina por impactar positivamente no sentido do trabalho, pode ser visto na fala da Entrevistada 13:

Um dos motivos que eu estou aqui até hoje é pela forma de trabalho e esta coisa de não ter chefe, apenas coordenadores. As pessoas, cada um pode opinar; se tu não gostou de uma coisa, tu tem espaço para dar a tua opinião, né. É tudo decidido em conjunto, em grupo, uma votação, mesmo que tu pense, o meu voto é não, só eu vou dizer não, mas se tu for lá e disser não, tu deixou a tua opinião mesmo que o sim vença. Então eu vejo aqui, pelo menos dessa forma, aqui na cooperativa, eu vejo como uma forma boa, né, da coordenação, eu vejo que a gente tem bastante espaço (Entrevistada 13).

Nota-se que os entrevistados identificam em seus trabalhos aspectos de protagonismo social como cuidadores do planeta, pelo fato

de fazerem o trabalho de reciclagem e em um ambiente de cooperativa, em um ambiente de constante aprendizagem por meio das interações sociais. Tais aspectos podem ser vistos na fala do Entrevistado 10:

A gente aprende aqui a conviver um com o outro, conhecer a parte profissional, tendo certeza do que tá fazendo, tá sabendo que ali o que a gente tá fazendo vai dar um bom fruto não só pra mim, mas pros meus familiares, familiares dos cooperados em casa, pra comunidade, pro município, pro estado e também pro Brasil, porque nós somos uns defensores da natureza, está nas nossas mãos agora tentar recuperar o que nós mesmos destruímos, não só aqui, em outras partes (Entrevistado 10).

Observa-se na fala do Entrevistado 10 a percepção do sentido do seu trabalho com reciclagem como repleto de valor, fazendo uma reflexão sobre a abrangência e impacto do seu trabalho do nível micro (pessoal e familiar) ao macro (município, estado, país). O motivo é que, ao seu ver, o trabalho que realiza tem um aspecto de “defensor da natureza”. Nota-se na sua fala que ele se autopercebe como protagonista social para a recuperação da natureza, mas também não se exime como participante de ter causado algum estrago à ela quando fala “tentar recuperar o que nós mesmos destruímos”. Nesse momento, parece que a categoria a que ele se refere é a dos seres humanos como destruidores da natureza. Sob esse ponto de vista, o trabalho na reciclagem tem a possibilidade de uma transformação: de um trabalho considerado socialmente degradante para um trabalho com alto valor moral diante da questão ambiental. A mudança no sentido do trabalho para catadores e recicladores pode ser um dos aspectos prenunciados por Sen (2000), ganhador do Prêmio Nobel de Economia, quando previu que os empreendimentos econômicos associativos poderiam promover uma mudança no modo de pensar dos envolvidos para além dos benefícios econômicos. Tais aspectos podem ser observados ainda na fala do Entrevistado 10:

Pra mim [esse trabalho] significa muita coisa, muita coisa, parte profissional, parte de família, familiar, convívio, a participação com o município, onde eu moro todo mundo me respeita, sabe o que eu faço, sabe quem eu sou, conhece a minha vida particular, minha vida profissional. Então eles participam da nossa vida, o município, a comunidade, dessa nossa vida 24 horas (Entrevistado 10).

Portanto, por meio da presente análise é possível perceber que o sentido do trabalho para trabalhadores das cooperativas de reciclagem pode ser vivenciado de maneira positiva, indo além dos aspectos intrínsecos ao trabalho e à organização, com dignidade e impacto na família, comunidade, município, estado, país e até mesmo envolvendo todo o meio ambiente. O resgate da cidadania, bem como do empoderamento econômico dos trabalhadores pobres (Polanyi, 2012) que vivem da reciclagem como possibilidade de manutenção familiar, demonstra o quanto a economia solidária pode traçar respostas para além dos muros do capital: a melhora nas condições psicossociais, culturais, relacionais, políticas e, principalmente, a cultura para a cooperação em contraponto à competição. Outro aspecto que pode ser observado como evidência na fala do Entrevistado 10 refere-se à identidade como resultado de uma construção do sujeito como produto e como produtor do contexto em que vive (Maheirie, 2002). Assim, é possível observar que a construção da identidade passa por questões pessoais e profissionais, uma vez que, ao que parece, sua identidade como sujeito se mostra integrada desde os aspectos individuais aos coletivos.

Reflexões do estudo

Por meio da análise dos dados empíricos resultantes das entrevistas realizadas em seis cooperativas de reciclagem de resíduos pós-consumo vinculadas à Incubadora de Empreendimentos Solidários do Tecnosocial – Unilasalle, no Centro Universitário La Salle, em Canoas (RS, Brasil), foi possível compreender vários aspectos relativos a como trabalhadores de cooperativas de reciclagem produzem o sentido do seu trabalho.

Um importante aspecto observado foi que é possível verificar a presença de ressignificação da identidade a partir do trabalho coletivo com resíduos pós-consumo. Os principais aspectos identificados que apontaram para tal ressignificação de alguns trabalhadores envolveram a autovalorização tanto do seu trabalho quanto do meio ambiente. A ressignificação da identidade pode ser observada por meio do aprendizado a partir da vivência no e para o trabalho e da valorização do seu papel social como trabalhador que tem um importante lugar na sociedade moderna. O aspecto da ressignificação da identidade de trabalhadores de cooperativa contempla certa contradição, uma vez que o objeto de seu trabalho é visto social-

mente como algo desprezível a ser jogado fora. A análise dos dados mostra que é possível que trabalhadores se sintam “eles mesmos” no contexto das cooperativas de reciclagem, podendo exercer em plenitude não somente suas emoções, como a integralidade do seu eu com a consequente possibilidade de ser ele mesmo. Portanto, observaram-se evidências de que, além das dimensões individuais e sociais, influencia no sentido do trabalho de recicladores a relação cultural do cuidado com o meio ambiente, diante da qual se sentem valorizados.

Outro aspecto que pode ser ressaltado é o aprendizado observado em termos de mudança de comportamento nos níveis interacional, pessoal e organizacional. Um dos aspectos que se mostrou importante como fomentador das mudanças pessoais é o momento em que trabalhadores entram em cooperativas de reciclagem, onde se deparam com uma lógica diferente da empresarial (Singer, 2000). Verificam que nas cooperativas as pessoas têm a possibilidade de aprenderem umas com as outras, em termos de falar, ouvir, respeitar mais o outro, conviver; enfim, há maior possibilidade do trabalhador ser ele mesmo. Tais vivências terminam por facilitar a geração de sentido positivo do trabalho e da identidade relacionado com a cultura deste ambiente coletivo. Em outras palavras, algumas aprendizagens observadas são proporcionadas pelo estabelecimento de relações sociais próprias das cooperativas estudadas nos níveis pessoal, interacional, comportamental e organizacional. O aprendizado e a capacidade de estabelecer relações sociais saudáveis são condições para a construção de um sentido positivo do trabalho.

Observou-se, porém, que nem todos os entrevistados possuem um sentido positivo do trabalho. Percebe-se que um dos aspectos limitadores é a percepção dos trabalhadores de reciclagem de que o olhar do outro é crítico e contém o qualificador “olhar com nojo”, o que termina por interferir negativamente no sentido do trabalho. Isto é uma questão importante para a identidade do sujeito e do trabalhador da reciclagem, que pode ser ressignificada por meio de processos de interação, aprendizagem e construção da cultura.

Em contrapartida, os dados apontam que é possível o reconhecimento do trabalho com reciclagem realizado como uma ação de protagonismo social, em que os sujeitos se sentem contribuindo como cuidadores do planeta. As análises demonstraram que há nas cooperativas estudadas a produção do sentido do trabalho como resultado do entendimento de que o

seu trabalho tem valor não somente para a sua família, mas para toda a humanidade e todos os seres vivos na medida em que esses trabalhadores se veem como cuidadores do planeta. Além disso, o seu trabalho com reciclagem passa a ser visto como repleto de valor, abrangente e importante desde o nível micro (pessoal e familiar) ao macro (município, estado, país). Sob esse ponto de vista, o trabalho na reciclagem tem a possibilidade de uma transformação: de um trabalho considerado socialmente degradante para um trabalho com alto valor moral diante da questão ambiental, representando, ainda, um meio de geração de trabalho e renda frente à desigualdade econômica. Tal aspecto pode estar apontando uma importante contradição: a transposição de um papel de liminaridade social, suplantando o aspecto de “ser marginal”, tal como especificado por Fraga (2007), para além do “ser trabalhador”, mas para um “ser o trabalhador”, aquele que tem uma importante missão no nível macro, resultando em um resgate da cidadania.

Ressalta-se que os achados desta pesquisa não pretendem ser generalizáveis quanto à construção positiva de sentido do trabalho, servindo apenas para exemplificar como, em um ambiente que lida com material pós-consumo, existe a possibilidade de as pessoas encontrarem sentido em seus trabalhos e em suas vidas. E mais, a partir da lógica da economia social e das cooperativas há a possibilidade de melhora nas condições psicossociais, culturais, relacionais, políticas e, principalmente, culturais voltadas para a cooperação em contraponto à competição.

Referências

- ANTUNES, R.; POCHMANN, M. 2007. A desconstrução do trabalho e a explosão do desemprego estrutural e da pobreza no Brasil. In: A.D. CLAMADAMORE; A.D. CATTAN (orgs.), *Produção de pobreza e desigualdade na América Latina*. Porto Alegre, CLACSO/Tomo Edit, p. 195-210.
- ASSEBURG, H.B.; GAIGER, L.I. 2007. A economia solidária diante das desigualdades. *Dados*, 50(3):499-533.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582007000300003>
- BLOCH, E. 2006. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro, Contraponto, 432 p.
- BORGES, M.L.; SCHOLZ, R.H.; SOUZA, N.A.P.; CHRISTMANN, I.S. 2013. Interações e ações dos sujeitos na cultura da gestão de resíduos. *Museion*, 14:99-120.
- BOWEN, F.; BLACKMON K. 2003. Spirals of silence: The dynamic effects of diversity on organizational voice. *Journal of Management Studies*, 40(6):1393-1417.

- CODO, W. 1997. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: A. TAMAYO; J. BORGES-ANDRADE; W. CODO (eds.), *Trabalho, organizações e cultura*. São Paulo, Cooperativa de Autores Associados, p. 21-40.
- DEJOURS, C.; DESSORS, D.; DESRLAUX, F. 1993. Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de Empresas*, **33**(3):98-104. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901993000300009>
- DEJOURS, C. 1995. *O fator humano*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 101 p.
- FRAGA, A.B. 2007. O trabalho de quem vive do lixo: desigualdade social e suas dimensões simbólicas. *Revista Polêmica*, **22**:1-5.
- GAIGER, L.I. 2011. Relações entre equidade e viabilidade nos empreendimentos solidários. *Lua Nova*, **83**:79-109. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452011000200004>
- GOFFMAN, E. 1985. *As representações do eu na vida cotidiana*. 11ª ed., Petrópolis, Vozes.
- GUERRIERO, I.C.Z.; MINAYO, M.C.S. 2013. O desafio de revisar aspectos éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas: a necessidade de diretrizes específicas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, **23**(3):763-782. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312013000300006>
- HABERMAS, J. 1990. *Pensamento Pós-metafísico*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- HAY, A. 2013. 'I don't know what I am doing!': Surfacing struggles of managerial identity work. *Management Learning*, p. 1-17. <http://dx.doi.org/10.1177/1350507613483421>.
- HENRIQUES, R. 2000. Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza: por um novo acordo social no Brasil. In: R. HENRIQUES (org.), *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro, IPEA, p. 1-18.
- JACQUES, M.G. 1996. Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. *Coletâneas da ANPEP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia*, **11**(1):21-35.
- KUCHINKE, H.P.; CORNACHIONE, E.B.; OHC, S.Y.; KANGD, H.-S. 2010. All work and no play? The meaning of work and work stress of mid-level managers in the United States, Brazil, and Korea. *Human Resource Development International*, **13**(4):393-408. <http://dx.doi.org/10.1080/13678868.2010.501961>
- LIMA, M.T.; DAGNINO, R.P. 2013. Economia solidária e tecnologia social: utopias concretas e convergentes. *Otra Economía*, **7**(12):3-13. <http://dx.doi.org/10.4013/otra.2013.712.01>
- LOPES, J.R. 2008. Processos sociais de exclusão e políticas públicas de enfrentamento da pobreza. *Caderno CRH*, **21**(53):349-363.
- MAHEIRIE, K. 2002. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, **VII**(13):31-44.
- MAUSS, M. 2011. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 536 p.
- MORIN, E.; TONELLI, M.J.; PLIOPAS, A.L.V. 2007. O trabalho e seus sentidos. *Psicologia e Sociedade*, **19**(1):47-56. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01/12/2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000400008>
- MORIN, E. 2001. Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, **41**(3):8-19. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>
- MORUS, T. 2001. *A Utopia, ou o tratado da melhor forma de governo*. Porto Alegre, L&PM POCKET, 143 p.
- MOTA, K.; TONELLI, M.J. 2013. "Trabalhar? Para que?" Percepções sobre trabalho entre jovens de diferentes estratos sociais. In: Encontro Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, IV, Brasília, 2013. *Anais...* Brasília, ANPAD, **1**:1-16.
- POLANYI, K. 2012. *A grande transformação: as origens da nossa época*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Elsevier, 306 p.
- PRATES, C.; GONZALEZ, N.G.S. 2013. O Sentido do Trabalho para o Operário: estudo de caso em uma fábrica de componentes eletrônicos. In: Encontro Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, IV, Brasília, 2013. *Anais...* Brasília, ANPAD, **1**:1-16.
- ROESCH, S.M. 2005. *A. Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertação e estudos de caso*. 3ª ed., São Paulo, Atlas, 189 p.
- SAHLINS, M. 2004. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 679 p.
- SEN, A. 2000. *Desenvolvimento como liberdade*. 6ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 409 p.
- SINGER, P. 2000. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo, Contexto, 360 p.
- THERBORN, G. 2010. Os campos de extermínio da desigualdade. *Novos Estudos – CEBRAP*, **87**:145-156. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002010000200009>
- TOLFO, S.R.; PICCININI, V. 2007. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia e Sociedade*, **19**(n. especial):38-46. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10/12/2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>
- VELHO, G. 1994. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 137 p.
- WATSON, T.J. 2008. Managing identity: Identity work, personal predicaments and structural circumstances. *Organization*, **15**(1):121-143.
- YIN, R.K. 2005. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3ª ed., Porto Alegre, Bookman, 212 p.

Submetido: 23/12/2013
Aceito: 22/04/2014